

POESIA E MAL-ESTAR NA POÉTICA DE CHARLES SIMIC¹

Maysa Cristina Dourado (UFAC/UNESP)

RESUMO: Criticando um narcisismo que classifica de “obsceno” na lírica contemporânea, Charles Simic propõe uma poesia que reflita sobre as contradições e mal-estares da atualidade. Neste artigo, proponho uma leitura de cinco poemas de Simic, a partir de alguns conceitos usados Sigmund Freud, em *O Mal-Estar na Civilização*.

PALAVRAS-CHAVE: poesia, Charles Simic, Freud.

A Guerra tinha legado ao mundo em paz
uma novidade assustadora: a bomba atômica. O que
Deus nunca faria, o que a Natureza não faria, o
homem tornava-se capaz de o fazer:
pôr fim à humanidade.
(Le Goff, *Historia e Memória*)

A busca pela felicidade é a razão de ser da existência humana. Este é o objetivo primeiro na vida de todas as pessoas. Entretanto, a história do homem sobre a face da terra é testemunho da violência do homem contra o homem. Para o pai da Psicanálise, Sigmund Freud, o homem possui uma inclinação instintiva para a agressão e um poder nato de destruição. Para o poeta iugoslavo, naturalizado norte-americano Charles Simic, o mundo está cada vez mais violento e complexo. Nossa situação é impossível, e por isso, ideal para os poetas, já que a poesia diz mais sobre a natureza humana do que qualquer outra forma de arte.

O objetivo deste artigo é estabelecer nexos entre o pensamento de Freud, desenvolvido em *O Mal-Estar na Civilização*(1929) e a poesia de Simic, buscando ver de que forma essa mania destrutiva dos participantes da civilização é desvelada dentro da poesia desse autor contemporâneo. Nesse sentido, resgataremos ainda, a visão crítica de Simic, em seu ensaio “Notes on Poetry and History”(1995) e as noções do filósofo francês Jacques Derrida sobre memória e escritura.

Em *O Mal-Estar na Civilização*, Freud defende que o ser humano possui um instinto de agressividade e destruição, e tal instinto constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o próximo. Baseando-se na teoria das pulsões, ele afirma que a

“crise existencial” do homem moderno deve-se ao fato de que, não somos governados pela razão, mas sim por forças instintivas (*id*) que nos são desconhecidas, já que são frutos do nosso inconsciente. Para defender-se das exigências instintivas, que reivindicam a satisfação total de todos os seus desejos, a sociedade (*superego*) elabora normas e cria instituições, garantindo as proibições que a cultura impõe aos indivíduos. Assim, as civilizações se erguem sobre a coerção e sobre a renúncia aos instintos (*pulsões*). Porém, ainda segundo Freud, em todos os indivíduos, mesmos naqueles mais dóceis, sobrevivem impulsos destrutivos e anti-sociais. Em algumas pessoas tais tendências são excessivamente fortes e determinam seu repertório de comportamento social, ou anti-social.

Essa agressividade, que para Freud é o maior impedimento à civilização, se expressa em uma “hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um” (FREUD, 1997, p.81). É nesse ponto que o pensamento de Freud se cruza com a poesia de Simic, em especial, seus poemas mais recentes, nos quais ele descreve a condição humana num século marcado pela destruição em massa.

No ensaio “Notes on Poetry and History”, Simic declara:

We are orphans of ideologies. Everyone who made history in this century in our name believed that the massacre of the innocents was permissible for the sake of the future... The idea is that one must be merciless for the sake of the coming happiness. (SIMIC, 1995, p. 125).²

Argumentando a favor do comprometimento da poesia sem se tornar partidária ou propagandística, Simic confirma o pensamento de Freud e o reforça nas muitas imagens que percorrem seus poemas. Segundo o poeta, “*the world is mean, stupid, violent, unjust, cruel [...] And you must say something. A poet who ignores the world is contemptible.*” (SIMIC, 1995, p.126).³

Nascido na Iugoslávia, em 1938, Simic passou grande parte de sua infância em meio a um contexto de guerra. Ao longo de seus ensaios, artigos e memórias, fica-se sabendo dos horrores da Segunda Guerra Mundial, de sua vida em seu país sob a ocupação Nazista, a Guerra Civil na Iugoslávia, sua fuga para Paris, e depois para os Estados Unidos, quando ele tinha 15 anos. Ao longo de seus poemas, ele dramatiza cenas de vida subumanas, violência política, resignação, destruição, fome e exílio, estabelecendo um forte elo entre sua história pessoal com a história monumental.

Ganhador do *Pulitzer Prize for Poetry* em 1990, com seu livro de poemas em prosa *The World Doesn't End* (1989), Simic elabora suas metáforas a partir dos

incidentes de sua própria experiência, como neste poema em que ele nos apresenta a imagem assustadora de um mundo estranho.

My mother was a braid of black smoke.
 She bore me swaddled over the burning cities.
 The sky was a vast and windy place for a child
 to play.
 We met many others who were just like us.
 They were trying to put on overcoats with
 arms made of smoke.
 The high heavens were full of little shrunken
 deaf ears instead of stars.

Escrevendo a respeito de seus primeiros anos durante a guerra, as cenas assombrosas que testemunhou, o poeta usa imagens aparentemente incongruentes e admiráveis, e a estrutura da narrativa para dar textura a essa estranha (*unheimlich*) familiar (*heimlich*) história. Familiar, levando-se em conta que o poeta escreve sobre o que “verdadeiramente” vivenciou, e estranha tomando a acepção da palavra que comporta o que provoca medo e horror. Para Freud, as duas noções estão imbricadas, pois “o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, de velho, e há muito familiar” (FREUD, 1997, p. 238).

Espaço de encontro e de compartilhamento de diversos discursos, o texto é rico em detalhes e suas imagens podem ser relacionadas a uma pluralidade de interpretações: as crueldades e conseqüências de calamidade, cidades destruídas, pessoas mutiladas e indefesas, impotentes diante de uma calamidade e cenas apocalípticas de morte e destruição. A estrutura ambígua do poema diz sempre muito mais do que o autor quis dizer, porque são dois sujeitos que estão se encontrando: o outro e o eu (o familiar e o estranho).

As imagens (sur)reais que permeiam todo o poema reforçam a atmosfera de medo, mal-estar e sufocamento, principalmente quando o poeta nos fala sobre o céu sem brilho, já que ele tem ouvidos surdos encolhidos ao invés de estrelas. As sensações de solidão e escuridão também são temas discutidos do ponto de vista psicanalítico, já que são elementos dos quais a maioria dos seres humanos jamais se libertou inteiramente e que fazem aumentar a sensação de mal-estar e infelicidade do homem atual.

Simic escolhe um cenário que não difere do mundo real, do mundo em que vivemos no presente. Ainda assim, não se pode dizer que é uma mimese, nem uma representação da realidade, já que para o poeta só existe a Escritura.⁴ O poeta não representa o real, mas o apresenta. Através da memória, o tempo é recuperado e se

explícita através de uma consciência histórica, que transcende a história social, tornando-se atemporal e anespacial, “e nos faz recordar o que esquecemos: o que somos realmente” (PAZ, 1982, p. 133).

Somos, na visão Freudiana, não criaturas dóceis e gentis, que atacam somente para defender-se; pelo contrário, somos “criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade” (FREUD, 1997, p.67). O poema “Two Dogs” ilustra bem essa característica do ser humano. Simic faz menção a figura de dois cachorros: um cachorro já velho, companheiro fiel e guia de uma mulher quase cega, na 1ª estrofe, e um cachorro alado, na 2ª estrofe, para nos lembrar da violência inflexível dos tempos de guerra:

A visão de um velho cachorro abandonado em uma cidadezinha ao sul dos Estados Unidos recupera a memória do poeta, que apresenta, então, uma imagem surreal, na qual o medo e a agressividade predominam, confirmando “a inata inclinação humana para a ‘ruindade’, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade” (FREUD, 1997, p.79). O passado volta a ser presente, quando no ato de relatar, a memória se torna narrativa:

An old dog afraid of his shadow
 In some Southern town.
 The story told me by a woman going blind,
 One first summer evening
 As shadows were creeping
 Out of the New Hampshire woods,
 A long street with just an worried dog
 And a couple of dusty chickens,
 And all that sun beating down
 In that nameless town.

It made me remember the German marching
 Past our house in 1944.
 The way everybody stood in the sidewalk
 Watching them out of the corner of the eye,
 The earth trembling, death going by...
 A little white dog ran into the street
 And got entangled with the soldier's feet.
 A kick made him fly as if he had wings.
 That's what I keep seeing!

Passado e presente confundem-se no poema, já que as realidades da 1ª e 2ª estrofe são igualadas não só pela forma – a mesma quantidade de linhas –, mas também pela introdução semântica da 2ª estrofe: “*It made me remember ...*” (l. 11)⁵. Além disso, podem-se estabelecer diversas ligações entre as duas estrofes: o mundo visto de olhos

fechados *versus* o mundo visto com olhos abertos. A 1ª estrofe apresenta uma mulher quase cega contando a história de um cachorro adulto que teme a própria sombra. A ação dá-se durante o entardecer da primeira noite de verão, em uma cidade do sul de New Hampshire e o cenário é de quietude e paz. Na 2ª estrofe, a perspectiva é de uma criança que acompanha a marcha dos soldados alemães e testemunha uma cena de violência de um soldado contra um cachorro indefeso, que é lançado ao ar por um pontapé. O contexto é de guerra e o ano é 1944.

O medo é o sentimento predominante nas duas estrofes. Na 1ª estrofe, ele é representado pelo cachorro atormentado por sua própria sombra – que pode representar o próprio poeta, sempre inquieto por suas lembranças de guerras - e pelas imagens sutis que saem das florestas quando o sol se põe. Na 2ª estrofe, este sentimento é intensificado por conta do registro histórico-temporal: o ano de 1944 e as reticências que deixam a linha 15 (quinze) em aberto. Em entrevista a Sherod Santos, Simic declara: “*I am still haunted by images of war.*”⁶ (SIMIC, 1985, p. 74). Em outra ocasião, ele declara a George Starbuck:

That’s about a kind of camp I was once in. It wasn’t a concentration camp. It was a temporary camp. And just the memory of watching a dog, outside the perimeter of barbed wire, eating grass. . . . Absurd. The poor dog had an upset stomach. It was a dog that a guard was leading on a leash. Big German Shepherd. Those kind of memories I have been able to return to. (SIMIC, 1985, 36)⁷

O poema composto de apenas duas estrofes expõe a frágil linha que divide o passado e o presente do autor. As memórias de Guerra ainda são claras para Simic. Sobre este poema, ele declara:

It seems to me that all those events still go on, and if you look at people who have come out of the War, that part of their life goes on. I think every tragedy, every event, some place on some scale continues. Is still current. Is still present. You cannot say, “Well this was in the past, but we live differently.” Or “I live differently.” It still goes on, as vivid as it ever was. I think that’s going to be my direction for a while. That’s one kind of poem. (SIMIC, 1985, 36)⁸

As recordações da terra natal de Simic estão sempre marcadas de traços que fazem com que sua memória interior funcione como um imenso arquivo desse jogo de vida e morte: “[Arquivo] morto porque é de morte que se trata; vivo porque a vida é esse desvio prolongado antes do retorno a um estado que a ultrapassa, dentro de um processo continuado para além da existência de um só indivíduo”. (NASCIMENTO, 1999, p. 173). Para Octavio Paz,

assombramos-nos ante o mundo porque ele nos parece estranho e ‘sem hospitalidade’; a indiferença do mundo para conosco provém do fato de que em sua totalidade não tem outro sentido senão o que lhe outorga nossa possibilidade do ser; e essa possibilidade é a **morte** ... Desde o nascimento nosso viver é um permanente estar no estranho e no pouco hospitaleiro, é um radical **mal-estar** (PAZ, 1982, p. 180-1). *grifo meu*

Os resíduos da memória do poeta funcionam como rastros, que marcam sua presença na poesia, pela ausência do que já passou, ao mesmo tempo em que inauguram uma origem em um presente que se renova a cada instante. No ensaio “Open Wound”, o poeta comenta: “*But obviously there are differences, whereas me and my friends used to ‘sell’ gunpowder, these children from our present days are selling cigarettes*”.⁹ No entanto, ele acrescenta, nos dias atuais também encontramos “*sniper victims lying in the streets, people with arms and legs blown off, corpses wrapped in plastic, wrecked churches and mosques, crowds of refugees on the run*.” (SIMIC, 1997, p.87).¹⁰

Para Freud, assim como Eros, o instinto de vida, existe também um instinto de morte, agindo silenciosamente dentre de cada indivíduo. Algumas vezes, esse instinto é dirigido para dentro; em outras, é desviado “no sentido de mundo externo e vem à luz como um instinto de agressividade e destrutividade” (FREUD, 1997, p. 77).

Em 1992, Simic publica *Hotel Insomnia*, com poemas que expressam mais claramente as manifestações do instinto agressivo, derivado, e principal representante, do instinto de morte, trazendo à tona uma sociedade exterminada e desiludida, como este, cujo título já prenuncia um estado de tensão:

War
The trembling finger of a woman
Goes down the list of casualties
On the evening of the first snow.

The house is cold and the list is long.

All our names are included.

A sensação de mal-estar e prisão é confirmada pelo poeta que exclui tudo o mais que poderia acontecer durante um período de conflito – pessoas comendo, bebendo, indo a escola, fabricando armas – em favor de uma figura emblemática, uma mulher enumerando os mortos de guerra, seguido por uma epígrafe: ‘*All our names are included*’.¹¹ Um mote ameaçador que prevê nosso futuro e amplia a sensação de

calamidade, sugerindo que ninguém está livre das atrocidades da guerra. Mesmo os que não vão para os campos de batalha estão condenados a uma sensação de morte.

O silêncio que a imagem sugere, a imprecisão do lugar e do tempo, uma mulher qualquer, em um inverno qualquer, dão ao poema uma sensação de atemporalidade. Escrito durante a Guerra do Golfo pode-se aplicá-lo a qualquer época. Simic usa os tempos no presente para dar uma informação retrospectiva, como se prolongasse o passado no presente (eterno presente). Em sua entrevista a Starbuck, Simic responde: *“I think every tragedy, every event, some place on some scale continues. Is still current. Is still present[...] It still goes on, as vivid as it ever was”* (SIMIC, 1995, p.36), confirmando o pensamento Derridiano, que diz que tudo é repetição e o indivíduo apenas um elo nessa cadeia de vida morte.

Em um dos muitos poemas de Simic sobre a história contemporânea, a TV é um tema recorrente. Para ele, as imagens da TV ajudam a promover os mal-estares do mundo moderno. Os horrores das imagens trazidos pela televisão fazem com que entre em ação a máquina da escritura do poeta, sua memória. Em seu ensaio, “Orphan Factory”, ele declara:

Today when I watch the war on TV, I have the feeling I'm watching the reruns of my childhood. It's like the networks were all engaged in some far-out science fiction plot to pluck the images out of my head. The bombed buildings, the corpses lying in the streets [. . .], the crowds of refugees are all frighteningly familiar. (SIMIC, 1997, p. 23).¹²

No poema “Paradise Motel”, que faz parte do livro *A Wedding in Hell* (1996), o poeta lembra todo seu assombro em face da barbárie da guerra e o senso de irrealidade, relatando o contraste entre o que ele assiste – milhões de pessoas inocentes mortas e a concepção do Presidente a respeito do real significado de uma guerra – a guerra como uma “porção mágica do amor”, reforçando a teoria Freudiana de que o homem é o maior inimigo dele próprio:

Millions were dead; everybody was innocent.
I stayed in my room. The President
Spoke of war as of a magic love potion.
My eyes were opened in astonishment.
In a mirror my face appeared to me
Like a twice-canceled stamp.

O sentimento de culpa, o maior dos problemas no desenvolvimento da civilização, na visão de Freud, é representado logo no início da segunda estrofe, quando o poeta comenta:

I lived well, but life was awful.
 There were so many soldiers that day,
 So many refugees crowding the roads.
 Naturally, they all vanished
 With a touch of the hand.
 History licked the corners of its bloody mouth.

Para Freud, o sentimento de culpa intensifica a perda da felicidade (“a consciência faz de todos nós covardes...”). Assim como o *Pharmakon* de Platão, remédio e veneno¹³, a televisão invade nossa privacidade, e nos faz *voyeurs* dos horrores do cotidiano, trazendo a idéia de que tais mal-estares são efêmeros, já que essa realidade pode acabar “com apenas um toque”. Na visão Freudiana, o que é mau, freqüentemente, não é de modo algum o que é prejudicial ou perigoso ao ego; pelo contrário, pode ser algo desejável pelo ego e prazeroso para ele (84). Em “Notes on Poetry and History,” Simic comenta:

On one hand the multiplication of the images of suffering and atrocity, and on the other hand the unreality they bring to our lives with the accompanying suspicion that all that suffering is meaningless, that it is already being forgotten, that tomorrow brand-new sufferings will come. (SIMIC, 1995, p. 125).¹⁴

Ainda nesta estrofe, o real e o surreal se entrelaçam, e a História, caracterizada de vampiro, literalmente entra em nosso mundo. As tragédias diárias que são trazidas até nós, todos os momentos, aumentam nossa sensação de incômodo. Simic comenta: “*I remember standing there for a long, long time not knowing what to do with myself, feeling the strangeness, the monstrosity of my situation* (124). Novamente, temos o estranho, proveniente de hábitos reprimidos, causando desorientação e desamparo.

Em seu poema “The History of Costumes”, publicado em seu mais recente livro de poesias, *Jackstraws* (1999), Simic simula um mundo que perdeu sua referência, um mundo fragmentado, estranho e sem hospitalidade, onde o estado de bem-estar está morto.

Top hats and tight-fit monkey suits,
 You pointed to the map of the world
 With your silver-tipped walking sticks
 And fixed my fate forever on a dot.

O poeta não identifica o “*You*”, que pode se referir a todo e qualquer poder hegemônico, mas levando-se em conta sua experiência de vida, é óbvia a referência à figura de Hitler, ditador responsável por um dos maiores genocídios da História e desencadeador da 2ª Guerra Mundial. Afirmando defender uma raça pura, Hitler eliminava e aniquilava todas as pessoas que “não se ajustavam” ao seu mundo. Além do

sonho de pureza, Freud aponta o excesso de ordem (no poema, o desejo de um tirano de comandar os destinos do planeta) e a procura incessante pela beleza, como alguns dos fatores que provocam infelicidade e mal-estar no homem moderno.

A escassez de liberdade, “companheira inseparável” do nosso mal-estar, aparece no último verso da estrofe, quando o poeta fala do homem comum, que já não é dono do seu destino, e é representado com poucas opções, preso em um ponto final, ou seja, nas grades invisíveis da opressão e da perseguição.

O mal-estar se confirma nas estrofes seguintes e a visão do poeta vem acompanhada pela perda:

Already on the very next page,
I saw my white sailor suit parachuting
Among bricks and puff of smoke
In a building split in half by a bomb,

The smoke that was like the skirts
Slit on the side to give the legs the freedom
To move while dancing the tango
Past ballroom mirrors on page 1944.

A técnica de justapor duas imagens de forças contrárias: mar X ar (*sailor suit X parachuting*) também supõe uma situação conflitante e uma sensação de aflição, confirmando a história das guerras em geral e de vida e cultura do poeta. O sentimento de perigo é intensificado na última linha da segunda estrofe, por conta das aporias, já que a fragmentação ocorre até mesmo no nível formal (*In a buiding / split in a half / by a bomb*) e fica mais intensa ainda por conta da linha que a precede (*Among bricks and puff of smoke*). Também o ritmo quebrado do poema e os *enjambements* sugerem um crescimento na tensão.

Apesar do cenário surrealista, esta estrofe é autobiográfica, como afirma o próprio poeta: “The second stanza is autobiographical. I was bombed in 1914 by Germans and in 1944 by the allies when I was a kid in Yugoslavia.”¹⁵ Em *A Farmácia de Platão* (1991), Derrida ressalta que a História só existe a partir da Escritura (arquimemória), que nasce da necessidade humana de deixar suas lembranças. Sobre a relação de sua história e poesia, Simic diz,

I couldn't tell you exactly how it manifests itself, but I'm sure it does. I spent The Second World War in Yugoslavia and had the usual number of terrifying war experiences. That was long ago, though. Inevitably something of that enters in my poetry.” (SIMIC, 1995, pp.4-5).¹⁶

Cito novamente Paz, em o Arco e a Lira,

As imagens do poeta têm sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão e experiência do mundo. Trata-se, pois, de uma verdade de ordem psicológica [...] Em segundo lugar, essas imagens constituem uma realidade objetiva, válida por si mesma: são obras [...] Finalmente, o poeta afirma que suas imagens nos dizem algo sobre o mundo e sobre nós mesmos e que esse algo, ainda que pareça um disparate, nos revela de fato quem somos. (PAZ, 1982, p. 131)

O poeta mistura-se ao seu texto escrito para mostrar a instabilidade do mundo real ou fictício, passado ou atual, que ele vê e recria, explicitando a situação de vacuidade da sociedade, mostrando que já se tem onde pisar, pois tudo é transformado numa “nuvem de fumaça”.

O uso recorrente da palavra “*smoke*” além de traduzir a efemeridade e instabilidade da situação, simboliza a sensação de sufocamento, incômodo e perigo iminente que cerca nossa civilização. A fumaça tira o contorno das coisas e se mistura com as pessoas (*My mother was a braid of black smoke / They were trying to put on overcoats with arms made of smoke*), fortificando o tema da perda, da desconfiança, do impalpável e retratando uma realidade inapreensível. Para Freud, a compulsão à repetição impõe a idéia de algo fatídico e inescapável.

Como uma inscrição e desaparecimento simultânea, a palavra *smoke* também pode representar ausência de clareza da memória do poeta que ainda assim, tenta permanecer fiel à sua vivência, explicitando a referência histórica com a indicação do ano, 1944, que confirma o cenário de violência e o enredo consciente de quem a tudo assistiu. As referências ao tempo, ao lugar, às circunstâncias e às emoções, também funcionam como um rastro que o faz refletir acerca do que já se passou. O importante não é a lembrança do ano, mas a relação que os acontecimentos narrados estabelecem com o presente.

A menção à História é uma constante em muitos poemas de Simic. Segundo Paz (1982), os poetas estão numa melhor posição para contar a verdadeira história. Para Jacques Le Goff (1996), a poesia identificada com a memória, faz desta um saber e mesmo uma sagesa, “uma sophia”. Para Simic, os poetas devem, “*in spite of everything, give faithful testimony of our predicament so that a true history of our age might be written.*” (SIMIC, 1995, p. 128).¹⁷

A segunda estrofe funciona então, como uma ponte de ligação, como se fosse um elo entre o tempo passado e o tempo atual. Mais de um século depois da 2ª Guerra Mundial, e passados setenta e cinco anos que *O Mal-Estar na Civilização* foi escrito e

publicado, pode-se comprovar que a poesia de Simic não está ligada somente à história do passado, mas está em constante diálogo com o presente. Sua experiência de infância é repetida e multiplicada hoje por mais de um milhão de crianças desalojadas por conta de guerras civis, confirmando o dito latino segundo o qual *homo homini lupus*.¹⁸

Tendo o cenário de uma página, este poema certamente deve sua grandeza não só ao arranjo artístico das palavras e figuras empregadas, mas ao fato de que presente e passado confundem-se, confirmando assim o Mito do Eterno Retorno, que afirma que nenhum acontecimento é único, nada acontece apenas uma vez; todo episódio já aconteceu, é repetido, e será reprisado de modo perpétuo. Por meio do processo de representação (fragmentação, subjetividade, memória) o poeta mostra que tanto no presente quanto no passado, o homem encontra-se a sós com seu destino de repetir *ad infinitum* os mesmos dramas e tragédias.

Ainda assim, tanto Freud quanto Simic são otimistas quanto à possibilidade da dominação dos instintos de agressão e de autodestruição presentes nos homens. Freud alimenta a esperança de que na permanente luta que se trava a todo o momento, no interior de cada um de nós, entre Eros e Tânatos, a pulsão de vida e a pulsão de morte, o primeiro afirme sua primazia.

Para Simic os poemas são uma tentativa de entender as origens de toda essa violência que nos cerca, ver suas conseqüências, exorcizar seus demônios. Para ele,

The world is cruel, humankind is probably insane, but I don't have a solution. Except, I want everybody to disarm. I'm not even asking whether this is possible, but it's the only thing worth yelling about. You could say, I refuse to play the game anymore [...] Take the gun away. (SIMIC, 1995, p. 75).¹⁹

Assim como os *mnemones*²⁰, que na mitologia e na lenda, acompanhavam os heróis para lhes lembrar uma ordem divina cujo esquecimento traria a morte, Simic, através de sua poesia, quer nos lembrar que apesar do homem, *The World Doesn't End*.²¹

REFERÊNCIAS

BAUMAN, S. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Trad. Mauro Gama, Cláudia Gama. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1998.

DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

---. **A Farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 1991.

ELIADE, M. **O Mito do Eterno Retorno**. Lisboa: Edições 70, 1988.

FREUD, S. “Das Unheimlich: História de Uma Neurose Infantil e Outros Trabalhos”. In **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVII, 1990.

---. **O Mal-Estar na Civilização (1929)**. Trad. José Octávio de A. Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. 4ª ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1996.

NASCIMENTO, E. “A vida a morte e a lógica do suplemento”. In: **Derrida e a Literatura**. Rio de Janeiro: Uduff, 1999.

PAZ, O. **O Arco e a Lira**. Trad. Olga Savary. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SIMIC, C. **Jackstraws**. New York: Harcourt, 1999.

---. **Orphan Factory: Essays and Memoirs**. Ann Harbor: The University of Michigan press, 1997.

---. “Notes On Poetry and History.” In: **The Uncertainty Certainty. Interviews, Essays and Notes on Poetry**. Ann Harbor: The University of Michigan press, 1995.

---. **A Wedding in Hell**. New York: Harcourt Brace & Company, 1996.

---. **Hotel Insomnia**. New York: HBJ, 1992.

---. **The Book of Gods and Devils**. New York: HBJ, 1990.

---. **The World Doesn't End: Prose Poems**. New York: HBJ, 1989.

¹ Este artigo é parte integrante da tese de doutorado em Estudos Literários, em andamento na Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Araraquara, sob a orientação da Profª.drª. Maria Clara Bonetti Paro.

² Somos órfãos de ideologias. Todo mundo que faz História neste século em nosso nome acreditou que o massacre dos inocentes foi em benefício do futuro.... A idéia é que as pessoas devem ser impiedosas pelo bem da vinda da felicidade. (*tradução minha*).

³ “o mundo é imperfeito, brutal, violento, injusto, cruel [...] E você precisa falar algo. Um poeta que ignora o mundo é desprezível.” (*tradução minha*).

⁴ Para Derrida, tudo é representação, não há um original. (A Farmácia de Platão).

⁵ “Isso me fez lembrar...” (*minha tradução*)

⁶ “Ainda sou atormentado pelas imagens da guerra.” (*tradução minha*)

⁷ Isto aconteceu em um campo em que eu fiquei uma vez. Não era um campo de concentração. Era um campo temporário. E a memória de um cachorro, do lado de fora do perímetro de arame farpado, comendo capim. . . Absurdo. O pobre cachorro tinha o estômago indisposto. O guarda o mantinha em uma coleira. Um grande pastor-alemão. Essas memórias estão sempre retornando a mim. (*minha tradução*).

⁸ Parece-me que todos aqueles eventos ainda estão acontecendo e se você olhar as pessoas que voltam das guerras, aquela parte da vida delas ainda está lá. Eu acho que cada tragédia, cada evento, continua em alguma escala, em algum lugar. Tudo ainda é atual. É presente. Você não pode afirmar, “Bom, isso foi no passado, mas nós vivemos de forma diferente agora.” Ou “Eu vivo de maneira diferente.” Tudo ainda continua tão vívido como era no passado. Acredito que essa deve ser a minha direção por um bom tempo. Este poema é um exemplo. (*tradução minha*).

⁹ “Mas obviamente há diferenças, enquanto eu e meus amigos costumávamos ‘vender’ pólvora, as crianças de hoje estão vendendo cigarros.” (*tradução minha*).

¹⁰ “vítimas de atiradores estendidos nas ruas, pessoas com braços e pernas arrancados, corpos embrulhados em plásticos, igrejas e mesquitas destroçadas, multidões de refugiados em viagem.” (*tradução minha*)

¹¹ “Todos os nossos nomes estão incluídos.” (*tradução minha*)

¹² Hoje quando eu assisto imagens da guerra pela TV, tenho a sensação de que estou revendo imagens da minha infância. É como se os cabos estivessem todos entrelaçados em algum distante enredo de ficção científica para colher as imagens da minha cabeça. Os prédios bombardeados, os corpos estendidos nas ruas [. . .], as multidões de refugiados, tudo isso é assustadoramente familiar. (*tradução minha*).

¹³ Ao mesmo tempo em que temos um intenso avanço tecnológico, temos uma enorme decadência em termos de racionalidade, daí o nosso grande mal-estar em um contínuo retorno.

¹⁴ Por um lado, a multiplicação de imagens de sofrimento e atrocidade e, por outro, a sensação de irrealidade que estes acontecimentos trazem para nossas vidas, acrescido da suspeita de que todo aquele sofrimento é sem sentido, de que já está esquecido e que amanhã novos sofrimentos virão. (*tradução minha*).

¹⁵ A segunda estrofe é autobiográfica. Fui bombardeado em 1914 pelos alemães e em 1944 pelos aliados, quando eu era garoto na Iugoslávia. - Informação verbal. (*tradução minha*)

¹⁶ Eu não poderia dizer a você exatamente como isso se manifesta, mas tenho certeza de que isso acontece. Passei a Segunda Guerra Mundial na Iugoslávia e tive inúmeras experiências terríveis. Isso aconteceu há muito tempo. No entanto, inevitavelmente, alguma coisa entra na minha poesia. (*tradução minha*).

¹⁷ apesar de tudo, dar um testemunho fiel da nossa situação, para que uma verdadeira História da nossa era seja escrita. (*tradução minha*).

¹⁸ O homem é o lobo do homem

¹⁹ O mundo é cruel, a humanidade é provavelmente insane, e eu não tenho uma solução, exceto que eu quero que todos se desarmem. Eu não estou questionando e isso é possível ou não, mas acho que [e a única coisa pela qual vale a pena gritamos. Você pode dizer, eu me recuso a jogar esse jogo. [. . .] Leve a arma embora. (*tradução minha*).

²⁰ In: Le Goff, J. História e Memória, p. 437.

²¹ Título do livro de poemas em prosa de Simic.